

Cora Coralina: poesía y coeducación en el centro de Brasil

Cora Coralina: poetry and co-education in Central Brazil

Keides Batista Vicente • Ana Raquel Costa Dias

RESUMO

No interior do Brasil, em uma cidade que foi espaço da colonização de Portugal no período do ciclo da mineração do ouro, uma mulher com o codinome Cora Coralina narra em prosa, versos e contos a condição feminina em uma sociedade patriarcal e oligárquica do século XX. Desta forma tem-se como objetivo analisar como a produção intelectual desta mulher contribuiu para a coeducação de outras mulheres no início do século XXI em um projeto de qualificação para o trabalho denominado “Mulheres Coralinas”. Em um primeiro momento apresenta-se a biografia da poetiza; em um segundo momento apresenta-se a produção intelectual; em seguida uma explanação sobre o projeto “Mulheres Coralinas” e por último como deu-se o processo de coeducação. Ao final percebe-se que os escritos de Cora Coralina demonstram uma condição moralizante imposta pelos moradores de uma cidade, mas que também é utilizado como forma de romper processos violentos do patriarcado e promover relações de autonomia financeira entre as participantes do projeto.

Palabras clave: Anna Lins; Educação; Gênero; Brasil.

ABSTRACT

In the interior of Brazil, in a city where the colonization of Portugal took place, during the period of the gold mining cycle, a woman by the code name Cora Coralina narrates in prose, verses and tales the female condition in a patriarchal and oligarchic society of the twentieth century. Thus, the objective is to analyze how the intellectual production of this woman contributed to the co-education of other women at the beginning of the 21st century in a job qualification project called “Mulheres Coralinas”. At first, the poets’ biography is presented; secondly, the intellectual production is presented; then an explanation about the project “Mulheres Coralinas” and finally, how the co-education process took place. In the end it is perceived that the writings of Cora Coralina demonstrate a moralizing condition imposed by the residents of a city, but that it is also used as a way to break violent processes of patriarchy and promote relationships of financial autonomy among the project participants.

Keywords: Anna Lins; Education; Gender; Brazil.

Keides Batista Vicente. Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Brasil. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás na linha de pesquisa Estado, Políticas e História da Educação. Possui graduação em História - Licenciatura e Bacharelado pela Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Catalão. Especialista em História do Brasil pela Universidade Federal de Goiás - Campus Avançado de Catalão. Mestrado em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia. Professora da Universidade Estadual de Goiás. Pesquisadora membro do projeto de extensão GEPHE FE/UFG (Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação). Correo electrónico: profkeidesueg@gmail.com. ID: <https://orcid.org/0000-0003-4053-6136>.

Ana Raquel Costa Dias. Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, Brasil. Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás na linha de pesquisa Estado, Políticas e História da Educação. Possui Mestrado em Educação e Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás, especialização em História Cultural: imaginário, identidades e narrativas pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás e Neuropedagogia aplicada à Educação pela FABEC. Experiência como docente universitária e coordenadora pedagógica em instituição de ensino superior privada. Pesquisadora membro do projeto de extensão Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação. Correo electrónico: a.raquel09@hotmail.com. ID: <https://orcid.org/0000-0002-4534-0354>.

Cora Coralina: uma fascinante e revolucionária mulher poeta

Sem saber por que, o passado a que nos apegávamos era o de nossa própria terra. E, com a imaginação solta, livre, ligeira, rumávamos a paisagens diferentes, num excessivo desejo de percorrê-las e delas arrancar algo que nos desse ternura. Aspirávamos a descobrir – adivinhávamos então – os caminhos trilhados pelos que ajudaram a escrever nossa História, cobrindo-a de heroísmo e autenticidade.

Assim, ouvindo o dizer dos que nos rememoravam casos da nossa terra, aprendemos a amar o que ela tem de extraordinário e terno na glória de seus feitos e de sua gente. De sua gente forte, ousada e, na pujança dessa força, sobretudo amamos seus vultos femininos, que lhe engrandeceram a vida nos idos dos séculos XVIII e XIX. Aqueles vultos que persistem, que vivem ainda na memória do tempo, colorindo de valor o espaço, como patrimônio sagrado de nossa mais lídima riqueza [Britto, 1974, s/p].

No Brasil, assim como os países da América Latina, as marcas da colonização europeia estão cravadas em sua arquitetura, na imposição religiosa católica apostólica romana, na organização social, econômica, política e em suas práticas culturais com raízes moralizantes e patriarcais. A exploração portuguesa pode ser reconhecida na organização da cidade, uma igreja católica ao centro, delimitando o poder religioso e dividindo os mandos com o governo local e os grandes proprietários de terra, engenhos e escravos, que mantinham nas cidades as suas residências como marca do seu poder. Isto margeado por um rio, que lhes fornecem a água para sobrevivência, mas também para a navegação e proteção.

As ruas, nas cidades brasileiras erguidas durante o período colonial, são estreitas, medidas pela marca da passagem do carro de boi que levava mantimentos como a carne seca e sal, mas que também transportava o ouro retirado das minas. As casas construídas abraçadas uma a outra, com janelas e portas grandes, escondiam os grandes quintais, as famílias numerosas e seus escravos.

Com estas características nos aproximamos de uma cidade colonial cravada no centro do Brasil, em meio a Serra Dourada, símbolo da exploração da mineração do ouro até o século XVII, denominada Vila Boa de Goiás, atual Cidade de Goiás. Esta cidade, capital do então governo da Província de Goiás, era o espaço de disputas políticas de grandes proprietários de terras, de famílias oligárquicas que se mantinham no poder de forma violenta, reproduzindo práticas patriarcais e segregando as mulheres na sua condição de reprodutoras e peças de troca para a manutenção de interesses entre famílias.

Nesta cidade, uma poetiza que teve acesso à educação formal, escreve, em forma de versos, prosas e contos, o cotidiano das mulheres do seu período. Essa mulher, no início do século XX, contrariando as orientações culturais, religiosas e legais, se apaixona por um homem já casado, e tem seu romance impedido pelos

seus familiares. Ela então, o acompanha em fuga, saída da cidade em direção ao sudeste do país.

Na segunda metade do século XX, essa mulher, já viúva, com filhos, e com mais de sessenta anos, retorna a sua cidade natal. Ela continua escrevendo e seus livros são publicados e reconhecidos. No entanto as suas ações do passado a acompanham, como uma sombra social e moralizante.

Sua produção intelectual é perene e instiga uma diversidade de inquições, sentimentos e acepções. Como ela mesma afirmava, carregava todas as idades do mundo em si e por mais que viesse do século passado, clarificou em seus versos e crônicas, emoções, mazelas, infelicidades, afetos, desgostos, vivências presentes na vida da mulher contemporânea.

Sobrevivi, me recompondo aos
bocados, à dura compressão dos
rígidos preconceitos do passado.
Preconceitos de classe,
Preconceitos de cor e de família.
Preconceitos econômicos,
Férreos preconceitos sociais [Coralina, 1976, p. 12-13].

Essa mulher é Cora Coralina, a poetiza reconhecida internacionalmente, com vários prêmios, livros publicados e doutora honoris pela Universidade Federal de Goiás. Citada por outros literatos e literatas como Clarice Lispector e Fernando Pessoa, Cora foi além do seu tempo em suas ações e criações, levantando bandeiras atuais e necessárias. Seu codinome silencia o nome de batismo Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (ver figura 1).

No final do século XX e início do século XXI, os poemas desta mulher são utilizados em um projeto acadêmico, intitulado “Mulheres Coralinas” e movido por professoras da Universidade Estadual de Goiás e da Universidade Federal de Goiás, em que tem como objetivo a formação cultural, científica e o desenvolvimento de atividades que permitem que mulheres da antiga Vila Boa de Goiás, adquiram um apoio econômico e legal, rompendo assim situações de violência doméstica, visto a dependência de seus parceiros.

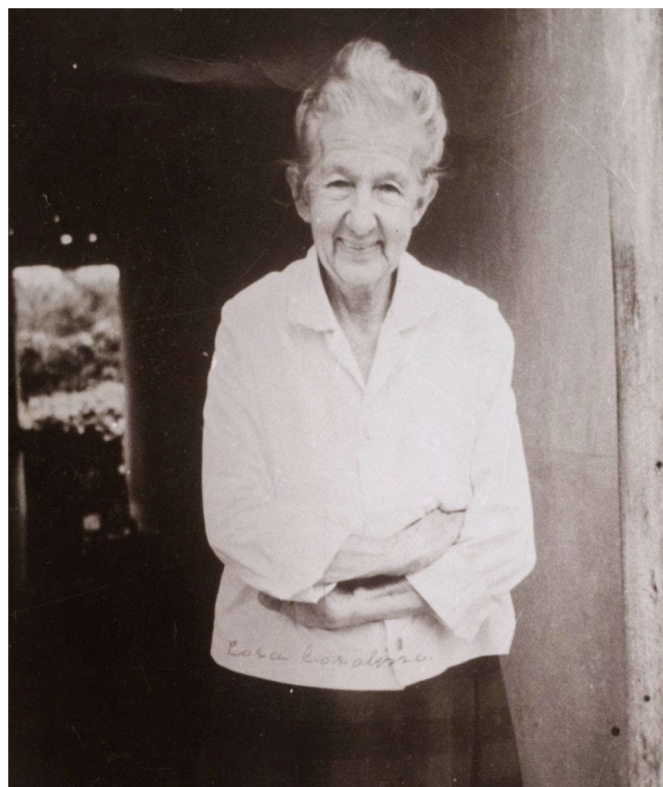


Figura 1. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – Cora Coralina.

¹ O Museu Casa de Cora Coralina é uma instituição museológica brasileira, localizada na cidade de Goiás, às margens do rio Vermelho, que busca preservar e divulgar a obra da poetisa brasileira Cora Coralina. É mantido pela Associação Casa de Cora Coralina. O museu, que se tornou ponto turístico e recebe milhares de visitantes todo ano, guarda mais de quarenta caixas com versos escritos por Cora e que, inclusive nunca foram publicados.

Posto isto, temos como objetivo analisar como a produção intelectual de uma mulher, no centro do Brasil, contribuiu para a coeducação de outras mulheres no início do século XX. Temos então uma relação temporal na produção dos escritos de Cora Coralina, e que carrega uma condição moralizante imposta pelos moradores de uma cidade, mas que também é utilizado como forma de romper processos violentos do patriarcado.

Para a construção da nossa proposta, em um primeiro momento nos dedicaremos a biografia de Cora Coralina, e assim compreende-la em seu tempo e espaço de vivência e escritos.

Em um segundo momento, nos dedicaremos a sua produção intelectual, ou seja, aos escritos elaborados em seu retorno a sua cidade natal, após uma experiência política e cultural em São Paulo, e em um momento que sua produção é reconhecida no país.

Por último, utilizaremos os relatos de mulheres moradoras da cidade natal de Cora Coralina, e que participam do projeto “Mulheres Coralinas”. O projeto em questão tem como objetivo conhecer a obra da autora e produzir peças vinculadas a produção e imagem da poetisa, além de doces e licores. O material produzido é comercializado em uma loja comunitária localizada no Mercado Municipal, e o

valor arrecadado permite que as mulheres do projeto possam ter uma renda.

Meias confissões de Aninha: uma mulher além do seu tempo

A filha da dona de casa, goiana, mulher culta e primeira requerente ao direito de voto, Jacintha Luísa do Couto Brandão e do desembargador Francisco de Paula Lins dos Guimarães Peixoto, nomeado assim por Dom Pedro II, último monarca do império brasileiro, nasceu em 20 de agosto de 1889.

Nasceu, cresceu e passou a infância e a adolescência na velha casa da ponte,¹ erguida em 1739, hoje transformada em museu, ponto turístico que recebe milhares de turistas todo ano. A fazenda paraíso também fez parte de sua infância, cenário onde viviam avós, primos, tios e a bisavó. A fazenda e seu ambiente bucólico foi retratado em alguns textos de Cora, assim como a velha casa da ponte, residência oficial da família e comprada por seu pai.



Figura 2. Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas – Cora Coralina jovem.

Dizia que era a menina feia, triste e nervosa da Ponte da Lapa. De rosto amarelado e pernas moles, teve duas lindas irmãs e alegava que poderia ter sido amada por ser caçula, mas então veio mais uma e ocupou seu lugar. Escolheu, portanto, se isolar em seu mundo imaginário, sozinha e fechada.

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
 Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
 que ficou velha,
 esquecida,
 nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
 contando estórias,
 fazendo adivinhação.
 Cantando teu passado.
 Cantando teu futuro [Coralina, 1965].

Na Cidade de Goiás,² Anna estudou até a terceira série primária, tendo como única professora a Mestra Silvina, a quem havia ensinado a geração de sua mãe.

Minha escola primária...
 Escola antiga de antiga mestra.
 Repartida em dois períodos
 para a mesma meninada,
 das 8 às 11, da 1 às 4.
 Nem recreio, nem exames.
 Nem notas, nem férias.
 Sem cânticos, sem merenda...
 Digo mal — sempre havia
 distribuídos
 alguns bolos de palmatória...
 A granel?
 Não, que a Mestra
 era boa, velha, cansada, aposentada.
 Tinha já ensinado a uma geração
 antes da minha.
 [...]
 Num prego de forja, saliente na parede,

² Necessário destacar e enfrentar a imagem pejorativa, afastada e atrasada que a Cidade de Goiás carrega, para alguns. A cidade possuía mais de vinte jornais (periódicos) circulando em pleno século XIX e em meio a isso se fez presente resistência, enfrentamento, disputas claras entre o público e o privado. Havia instrução, formação e imprensa.



Figura 3. Casa de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas.
 Atual Museu Casa de Cora Coralina.

³ Fundado em 1864, na Cidade de Goiás, então capital goiana, o Gabinete Literário foi a primeira biblioteca pública do Estado. Exerceu, a partir da segunda metade do século XIX, papel crucial na circulação de livros e da leitura nestas terras que ainda eram província, tendo funcionado, na antiga capital, como gabinete de leitura com locação de livros, tanto literários como das mais diversas áreas do conhecimento, assumindo, em uma época em que havia escassez de livros, uma vez que era caríssima a aquisição e muito dificultoso o acesso, um papel estimulante da leitura e da cultura na então província e, bem ainda, um papel vanguardista e relevantíssimo na construção de um projeto educacional para a sociedade goiana.

estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela [Coralina, 1965].

As dificuldades econômicas e sociais da época, diante da decadência do ouro, alcançaram sua família, e por isso, Aninha teria estudado em ambiente escolar por tão curto tempo. A breve caminhada escolar não lhe impediu de se destacar como leitora voraz, aprendizado herdado de sua mãe Jacintha. Lia os jornais da época, em especial os livros do *Gabinete Literário Goyano*.³

Foi criada em uma sociedade patriarcal e machista, em que os posicionamentos da época idealizavam mulheres sem vez e sem voz e que fossem submissas à figura masculina. Como afirma Félix (2019),

Nesse sentido, o homem era responsável pelo sustento da casa, pelas decisões mais importantes, e era considerada a figura primordial da família, representando uma imagem imponente e respeitável. À mulher cabia apenas obedecer ao que o marido estabelecia, deveria se enquadrar nos padrões que a sociedade cultuava, sendo submissa e adotando atitudes consideradas ideais para ser uma boa esposa e boa mãe. Então, logicamente, ela se privava, muitas vezes,

de suas decisões pessoais para atender às vontades do marido e dos filhos, ou seja, os posicionamentos destas mulheres eram sucumbidos, uma vez que elas não tinham voz. No entanto, este contexto atingiu Cora Coralina de outra forma, pois tais padrões estabelecidos por aquela sociedade promoveram reflexões acerca de seu papel e suas vontades, enquanto mulher. Pode-se dizer que Cora revolucionou os pensamentos que até então eram considerados como padrões estabelecidos e consolidados e promoveu reflexões e questionamentos acerca deles [p. 17].



Figura 4. A poeta e contista Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas (Cora Coralina) entre os frequentadores do Gabinete Literário Goiano.

Fonte: Museu Casa de Cora Coralina.

Cora, aos quinze anos de idade, se apaixonou pelo advogado e chefe de polícia, Cantídio Tolentino de Figueiredo Bretas, e em uma madrugada, num autoexílio, deixou Goiás com ele, em 1911, já grávida de gêmeos – os dois primeiros de um total de seis filhos. Cantídio era separado, tinha filhos na capital paulista e uma outra filha, fruto de um romance com uma indígena, filha essa que Cora criou. Como na época não existia o divórcio, eles só puderam oficializar a união em 1925, quando este ficou viúvo.

Apesar de ter conhecido Cora em uma reunião literária, Cantídio não gostava deste interesse da mulher. O casamento a afastou de Goiás por quarenta e cinco anos. Cantídio morreu em 1934. A relação entre eles durou vinte e dois anos.

Ela cria os quatro filhos que sobrevivem no estado de São Paulo e, após a morte do marido, atua em várias atividades domésticas e comerciais para sustentar a família. Foi vendedora de livros da editora José Olympio e trabalhou na roça. Mudou-se para Penápolis, no interior do Estado de São Paulo, montou uma pensão, depois um pequeno comércio, a ‘Casa de Retalhos’. No início da década de 1950, abriu outro comércio, a ‘Casa da Borboleta’, destinado ao público feminino.

Com os filhos crescidos, Cora resolve retomar sua vida e, em 1956, voltou à Cidade de Goiás, para lutar pela posse da velha casa da ponte antes que, por usucapião, se transferisse para um sobrinho. Na ocasião escreveu o panfleto “Cântico da Volta”. Ao completar 50 anos, a poetisa relatava ter passado por uma profunda transformação interior, a qual definiria mais tarde como “a perda do medo”. Nessa fase, deixou de atender pelo nome de batismo e assumiu de vez o pseudônimo que escolhera para si, muitos anos atrás.

Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar esse nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de Dona Janaína moderna. Cora Coralina, pra mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais do que o governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada. Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária [Andrade, 1980].

Cora, aprendeu a datilografar aos setenta anos e morreu em 10 de abril de 1985, logo após dar entrada em um hospital em Goiânia,⁴ Goiás, sofrendo de uma forte gripe que se agravou para uma pneumonia rapidamente.

⁴ Atual capital do estado de Goiás, localizada no centro-oeste do Brasil.

Cora Coralina, quem é você em seus escritos?



Figura 5. Cora Coralina.

Anna começou a escrever muito cedo, ainda com quatorze anos de idade, nos jornais locais de sua terra natal. A menina de Goiás, publicou aos dezessete anos de idade, seu primeiro poema, *A tua volta*, dedicado ao poeta Luiz do Couto, no jornal *Folha do Sul*, editado em Bela Vista de Goiás. Em 1910 publicou no Anuário Histórico e Geográfico e Descritivo de Goyaz, o conto *Tragédia na Roça*, recebendo a sua primeira crítica literária do Professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo. Nessa época já utilizava do pseudônimo Cora Coralina e escrevia juntamente com outras mulheres, no jornal literário *A Rosa*, impresso que era publicado sempre nos dias 10, 20 e 30 de cada mês. O primeiro exemplar saiu em agosto de 1907 e era impresso em folhas cor de rosa e seu corpo editorial era formado apenas por mulheres, como Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana.

Além dos poemas, Cora também publicou algumas crônicas. De acordo com os estudos de Britto e Seda (2009), desde a primeira publicação, a escrita coralineana se tornou recorrente nos jornais da cidade de Goiás. Dentre os textos que a escritora publicou, em um primeiro momento, está uma crônica publicada no jornal *Tribuna Espírita*. Nessa mesma época, Cora Coralina começou a frequentar as tertúlias do *Clube Literário Goiano*, situado em um dos salões do sobrado de dona Virgínia da Luz Vieira. Que lhe inspira o poema evocativo *Velho Sobrado*.

Andrade (2016) alerta que a partir de então, a escritora passou a ser conhecida e seus textos requisitados a ponto de assinar colunas fixas como nos jornais a seguir: *Goyaz*, *A Imprensa* e *Triângulo Mineiro*. Destaca-se que no jornal *A imprensa*, a escritora mantinha uma coluna denominada *Chroniqueta*, na qual publicava crônicas sobre diversos assuntos, como política, religião, acontecimentos importantes para a cidade, dentre outros. No período de 1907 a 1910, Cora Coralina escreveu para o jornal *Goyaz*. Nesse jornal publicava sempre na coluna *Lettras*, para a qual escrevia contos, crônicas e resenhas.

Apesar de escrever desde cedo, sua primeira publicação oficial só ocorreu aos 75 anos de idade, especificamente em 1965, com o livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*.⁵ A respectiva publicação expõe o estilo da autora e se impôs como

⁵ A primeira edição de *Poemas dos Becos de Goiás e estórias mais*, seu primeiro livro, foi publicado pela Editora José Olympio em 1965. Reúne os poemas que consagraram o estilo da autora e que a transformaram em uma das maiores poetisas de Língua Portuguesa do século XX.

pontapé que transformou Cora em uma das maiores poetisas brasileiras. Nessa época, Cora já havia retornado de São Paulo, criado quatro filhos, enviuvado, vendido doces, livros e tecidos.

Somente aos 90 anos de idade suas obras alcançaram visibilidade e reconhecimento, ao chegarem nas mãos de Carlos Drummond de Andrade. Andrade em reportagem publicada no *Jornal do Brasil* em 1980 declarou sobre as produções de Cora “[...] Na estrada que é Cora Coralina, passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária”. Ainda, após ler *Vintém de Cobre*, de 1983, terceira obra publicada por Cora, o teórico ainda afirmou

Minha querida amiga Cora Coralina: Seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. Que riqueza de experiência humana, que sensibilidade especial e que lirismo identificado com as fontes da vida! Aninha hoje não nos pertence. É patrimônio de nós todos, que nascemos no Brasil e amamos a poesia [1983, p. 15].

Ademais, Cora Coralina publicou, *Meu Livro de Cordel* (poesia) em 1976; (contos) em 1985; *Meninos Verdes* (infantil) em 1986 (póstumo); *Tesouro da Casa Velha* (poesia) em 1996 (póstumo); *A Moeda de Ouro que o Pato Engoliu* (infantil) em 1999 (póstumo); *Vila Boa de Goiás* (poesia) em 2001 (póstumo) e *O Prato Azul-Pombinho* (infantil), em 2002 (póstumo).

Na análise de suas produções cabe, portanto, reiterar a concepção de Dias (2013)

Engendrada ao estatuto simbólico da velhice está a sabedoria conquistada pela experiência construída ao longo da vida associada ao desenvolvimento pessoal que inevitavelmente envolve sacrifícios, renúncias, desprendimento e esforço. Tais configurações, no caso de Cora, são acrescidas do desempenho pessoal em ressignificar sua vida, tornando-a tema principal de sua poética que, escrita e publicada na velhice, completa o quadro geral de sua determinação em superar toda e qualquer limitação que lhe pudesse impedir de assumir sua posição desejada no mundo. Desse modo, a imagem de si mesma construída em seus textos autobiográficos encontram ressonância social, com base na qual diferentes sentidos ideologicamente guiados são mobilizados... [p. 120].

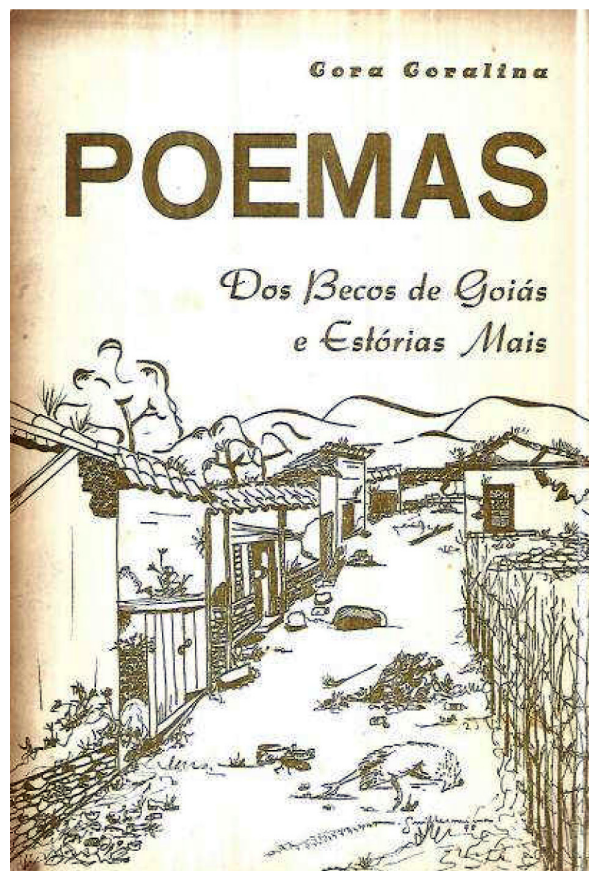


Figura 6. *Poemas dos becos de Goiás e Estórias Mais* – Cora Coralina (1965).

As poderosas palavras de Cora aliadas a ausência de regras gramaticais e correntes literárias, resgataram uma linguagem perdida, com autenticidade e inovação. Ela evitou aprisionar suas ideias em normas acadêmicas e transformou sua memória em expressão de arte.

Como afirma Dias (2013)

Sua obra é predominantemente autobiográfica e se caracteriza pela espontaneidade e pelo retrato que traça de si entrelaçado com sua cidade natal, tipos sociais que povoam sua memória, bem como os costumes, crenças e valores socialmente compartilhados dos quais a autora se apropria para construir sua versão de mundo e de si mesma [p. 119].

Em suas produções, percebe-se as lembranças de uma mulher adulta sobre uma criança, que contrariam o discurso de uma infância perfeita, plena de felicidade e desmistifica uma escola e um espaço familiar, denunciando a dita “harmonia e felicidade”. Com forte regionalismo, nossa autora se apega as coisas de sua terra e expõe escritos recheados de elementos a serem investigados, confrontados, questionados e anotados. Ela expõe angústias em seus versos e se libertou da opressão por meio da escrita e da leitura.

No poema *Assim eu vejo a vida*, publicado pelo jornal “Folha de São Paulo” — no caderno “Folha Ilustrada”, edição de 04/07/2001, Cora apresenta sua avaliação sobre o que a compõe como mulher em uma sociedade de rupturas e transições.

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Em 1984, recebeu o Grande Prêmio da Crítica/Literatura, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte, e o Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores.

Cora avalia o passado, reafirma a dureza dos enfrentamentos, mas assume que foi moldada por ele. A condição da mulher é apresentada por Cora como uma disputa entre o querer e o dever ser, imputando dores e lições impostas pelo patriarcado.

Com uma sabedoria conquistada no dia-a-dia e pela experiência, Cora Coralina em suas obras se liberta da opressão e expõe angústias. Ela se comunica com seu passado, com a natureza, com as pessoas e desmistifica um modelo de escola e um ambiente familiar, rememorando em especial sua infância e as contrariedades vividas como mulher em uma sociedade machista e preconceituosa.

Mulheres Coralinas – mulheres e uma ciranda que rompe amarras do patriarcado no interior do Brasil

A Cidade de Goiás recebeu no ano de 2001, o título de Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO, devido à importância do conjunto arquitetônico formado por casas, igrejas e monumentos históricos da antiga capital do estado de Goiás. Entre os pontos turísticos da cidade está a casa, localizada no centro histórico, que foi morada de infância, adolescência e final de vida de Cora Coralina. Neste espaço a poetiza escreveu seus livros, produziu doces para vender e se sustentar, e elaborou uma referência de memórias e histórias permeadas por tradições religiosas, práticas culturais e ordenamentos sociais.

Perto da casa, seguindo o curso do Rio Vermelho, está o Mercado Municipal, local que pode se encontrar produtos do interior como milho, feijão, maxixe, ovos caipiras, além de lanchonetes que vendem iguarias locais, como bolo de arroz, pastel de guariroba, pamonha e os famosos doces elaborados a partir dos frutos das várias árvores que compõem os grandes quintais das casas da cidade.

Em meio a arquitetura colonial deste espaço comercial está a loja das Mulheres⁶ Coralinas, que expõem os produtos cuidadosamente elaborados por um grupo de mulheres que fazem parte de um projeto que proporciona co-educação, já que é ensinado sobre poesia, contos e literatura.

E, também permite que as mulheres viabilizem a venda das suas produções e assim adquirem autonomia financeira, que em muitos casos lhes permitem proporcionar melhores condições de sobrevivência para sua família, e, princi-

⁶ Trata-se de um grupo de cinquenta mulheres, uma rede de apoio, que se uniu para se fortalecer, conquistando independência financeira, capacitação profissional, desenvolvimento da autoestima, ressignificando vidas femininas com empoderamento. Fundada em 2016, a associação procura fortalecer vozes de mulheres, inspirando principalmente na história de vida de Cora Coralina. Oferecem cursos de gastronomia, bordado, costura e modelagem de barro e de palha. Refere-se, sobretudo a uma ação de luta por um espaço feminino na sociedade.



Figura 7. Projeto - emblema: Mulheres Coralinas.



Figura 8. Mulher participante do projeto Mulheres Coralinas realizando bordado.

palmente, possibilita que elas consigam romper imposições sociais e violências domésticas.

Em uma entrevista realizada com uma das participantes do projeto ela afirma “Eu não lia poesia e passei a ler poesia”. Entre as atividades realizadas pelas participantes do grupo estão aulas de gastronomia, costura, empreendedorismo e literatura.

Nas aulas de literatura elas têm contato com a produção de escritores regionais, recebem informações sobre estilos literários e principalmente leem ou ouvem poemas de Cora Coralina, os quais também aprendem a declamar.

As mulheres que participam das atividades oferecidas pelo projeto, e assim despertaram o gosto pela leitura, levam as informações obtidas para seus familiares, outros moradores e os turistas que visitam a cidade regularmente, ocorrendo assim um processo de coeducação entre pares,

contribuindo para que aspectos formativos fossem ressignificados e transferidos em uma rede de conhecimento não formal.

Mesmo sendo moradoras da cidade de Cora Coralina muitas destas mulheres, não conheciam os seus escritos e o conhecimento que tinham sobre a poetiza eram de cunho moral. Em alguns casos as participantes não tinham lido um livro, o contato com a literatura só ocorreu durante o processo de formação educacional básica, e outras participantes não foram alfabetizadas, apenas escrevem o próprio nome. Então nos cursos de formação realizados no projeto podem ouvir e aprender os poemas, e conseguem além de borda-los em souvenir declamarem.

Nestes aspectos segundo Vicente e Dias (2020), o acesso à informação, principalmente a produção literária, não é um direito para todas as classes sociais e de gênero. Isto pois, o número de analfabetos funcionais no Brasil na década de 1970, segundo dados do IBGE era de 33.7% da população.⁷ Outro dado relevante, segundo as autoras refere-se ao fato que,

[...] a cidade até o ano de 2018 não disponha de livraria, a última existente era da década de 1920, ainda Capital da Província de Goiás. No ano de 2018, no Mercado Municipal, foi inaugurada a Livraria Leodegária, que recebe o nome em homenagem a moradora da cidade Leodegária de Jesus, escritora e amiga de Cora Coralina [p. 40].

⁷ Fonte: IBGE, Censo Demográfico.

Podemos considerar que muitas pessoas, moradoras da cidade, não conhecem a produção literária de Cora Coralina por não acessá-la, pelo distanciamento cultural, educacional, político e econômico.

Para a realização da nossa pesquisa visitamos a loja das Mulheres Coralinas localizada no Mercado Municipal, espaço que as mulheres participantes do projeto expõem seus trabalhos que são admirados e comprados por transeuntes. Neste espaço a poesia é constante, elas declamam poemas, leem contos, contam histórias e elaboram sonhos de uma vida transformada pelas oportunidades obtidas com o projeto. Muitas destas mulheres são mães, casaram jovens, não possuem formação e viveram ciclos de violência doméstica que reconheciam como destino feminino.

Os valores obtidos com as vendas, retirados o custo do material de produção, são repassados para as respectivas mulheres que elaboraram bolsas, roupas para mesa, banho e cama, bonecas, doces, quitandas e licores.

Na oportunidade entrevistamos uma participante do projeto, E., 37 anos, mãe de dois filhos, que no momento havia se separado do marido, e que nasceu e sempre viveu na cidade. Para ela ocorre um processo de identificação com a condição de gênero de Cora Coralina, isto, pois, as mulheres, em qualquer tempo, precisam corresponder a um padrão cultural de ser, e quando isso não ocorrer ela está fadada a um processo de exclusão.

Desta forma, a condição de gênero da poetisa, em seu tempo histórico, explica suas ações do passado e a ajuda a compreender o sentido pejorativo atribuído a ela por alguns moradores da cidade

Cora foi uma escritora que dividiu águas na cidade, eu acho, porque na época dela, tudo que ela fez a trajetória dela, na época dela, é, a mulher era muito reprimida, então ela foi muito corajosa, ela enfrentou tudo e todos por propósito dela, para o que ela queria e o que ela sentia [E. 37 anos].

Temos um duplo processo de identificação entre entrevistada e Cora Coralina, por um lado a compreensão de um ordenamento social por qual a poetiza passou e que permanece como uma oposição. Por outro a ação da poetiza que rompe com os padrões, e desta forma se torna uma mulher reconhecida e assim tem-se a possibilidade de um projeto ser elaborado com o objetivo de romper imposições culturais e proporcionar autonomia, o qual a entrevistada faz parte e é beneficiada.

A coeducação ocorre entre os participantes, e também com os seus familiares, como é o caso de E. 37 anos, que menciona a participação da sua filha em atividades desenvolvidas no projeto

Eu trago ela quando tem roda de conversa, eu venho, eu trago ela, as vezes a gente tem oficinas, ela participa, eu mostro o livro que a gente tem, e pra ela eu falo. Agora com a escola, eu não tenho conhecimento que eles falam de Cora na escola.

Temos então a percepção da necessidade de romper com os conceitos impostos à condição feminina na relação mãe filha, isso possível através do conhecimento. Se a educação formal não proporciona, a coeducação é o mecanismo utilizado por esta mãe na busca por uma condição social diferente da sua, com outros caminhos e oportunidades.

No caso do projeto as mulheres que são identificadas como Coralinas, participam de cursos, oficinas, encontros e saraus. Na cidade elas são identificadas pela camiseta que vestem, com bordados de versos escritos por Cora, mas também carregam uma nova interpretação sobre a cidade, sobre a literatura e, principalmente, sobre elas mesmas.

Somos todas Cora Coralina – considerações finais

Nesta teia de sentidos construídos por diversas mulheres finalizamos nossa reflexão. Seguimos os fios de tessitura que formam poesias, marcadas em panos e na realidade de várias mulheres em diversos tempos, mas também em diversos espaços, não mais só nos que a elas são destinados por condição de sexo.

Em meio a linhas, panos e agulhas uma nova interpretação do saber feminino permitido pela coeducação. Um projeto, arquitetado por duas mulheres professoras, que possibilita que outras mulheres rompam barreiras culturais e econômicas, isto de acordo com suas limitações, que também foram construídas como o não acesso ao conhecimento formal.

Assim ocorre o reconhecimento das mulheres em Cora, como uma memória feminina que lembra, resiste e reafirma a imagem da mulher no tempo presente, motivadas por necessidades e compreensões dos espaços que estão inseridas.

Ao final percebemos que os escritos de Cora Coralina demonstram uma condição moralizante imposta pelos moradores de uma cidade, mas que também é utilizado como forma de romper processos violentos do patriarcado e promover relações de autonomia financeira das participantes do projeto.

Referências

- Andrade, Carlos Drummond de (1980). Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, Caderno B, 27.12.
- Andrade, Ludmila Santos (2016). *Poesia e Crônica em Cora Coralina* [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás.
- Britto, Célia Coutinho Seixo de (1979) *A mulher, A História E Goiás*. Araujo Livraria e Editora Cultura Goiana: Goiânia-Goiás.
- Britto, Clovis Carvalho, e Seda, Rita Elisa (2009). Cora Coralina: raízes de Aninha. Aparecida, SP: *Idéias & Letras*.
- Coralina, Cora (1965). *Poemas do Becos de Goiás e Estórias Mais*. São Paulo: Jose Olympio.

Coralina, Cora (1976). *Meu livro de cordel. Poemas e crônicas*. Goiânia. Disponível em: http://www.catedra.puc-rio.br/portal/p/?/33/799/comunicacao/falando_sobre_leitura/cora_coralina_conta_como_foi_sua_experien- cia_com_os_livros_e_com_a_leitura/ (acesso: 21 nov. 2020).

Coralina, Cora (1985). *Vintém de Cobre. Meias confissões de Aninha* (3a. ed.). Ed. da Universidade Federal de Goiás.

Dias, Paula Pinho (2013) Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina [Tese de Doutorado]. Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Félix, Patrícia Abadia Pereira (2019). *A mulher no discurso de Cora Coralina: uma análise do sistema de avaliatividade* [Dissertação de Mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão (UFG/RC).

IBGE, Censo Demográfico. Em <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Mapa+do+analfabetismo+no+Brasil/a53ac9ee-c0c0-4727-b216-035c65c45e1b?version=1.3> (acesso: 20 jan. 2020).

Vicente, Keides Batista, e Dias, Ana Raquel Costa (2020). Como lembrar, esquecer e silenciar Cora Coralina? Memória feminina na cidade de Goiás. *Leitura EM Revista*, (16), 31.

Cómo citar este artículo:

Batista Vicente, K., y Costa Dias, A R. (2021). Cora Coralina: poesía y coeducación en el centro de Brasil. *Anuario Mexicano de Historia de la Educación*, 2(2), 95-109. DOI: <https://doi.org/10.29351/amhe.v2i2.331>.



Todos los contenidos de *Anuario Mexicano de Historia de la Educación* se publican bajo una licencia de Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional, y pueden ser usados gratuitamente para fines no comerciales, dando los créditos a los autores y a la revista, como lo establece la licencia.